



Junho: mês para fortalecer a luta LGBTQTT+ **CHEGA de PRECONCEITO!**



Os avanços da comunidade LGBTQIAPN+ pelo mundo, ainda que poucos, geraram uma onda reacionária gigantesca. Os governos de direita e extrema-direita deturparam as pautas sociais com o intuito de instaurar um estado de pânico moral, gerando capital político e travando discussões de direitos e garantias mínimos para populações marginalizadas. Mas também os governos mais à esquerda, apesar do discurso, avançam lentamente em pauta concreta do movimento. Só a luta e organização do movimento têm garantido as conquistas

No Brasil, tivemos anos sombrios de governo Bolsonaro, onde políticas públicas para a comunidade, principalmente pessoas trans, foram, no mínimo, reduzidas, chegando à extinção de programas sociais direcionados. Pela luta da nossa comunidade, políticas são reinstauradas e pessoas LGBTQTT+ alçadas a lugares comuns de poder. Ainda estamos longe do ideal, mas esse passo foi fundamental.

Saímos de um período em que a ex-ministra dos Direitos Humanos dizia que “menino veste azul e menina veste rosa” (...) “O Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã” e impusemos, através da luta, que seu sucessor diga “trabalhadoras e trabalhadores do Brasil [...] mulheres do Brasil,

[...] homens e mulheres pretos e pretas do Brasil[...] povos indígenas desse país[...] pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexo e não-binárias, vocês existem e são valiosas para nós”.

Ainda temos muitos desafios pela frente. O País continua sendo o que mais assassina pessoas trans. Informação que possuímos porque temos instituições que garantem o mínimo de contabilização dos crimes. Diferente de tantos outros países em que esses dados são deliberadamente não colhidos, justamente para esconder a necessidade de políticas públicas que protejam esses corpos e, assim, permitir que eles continuem sendo violentados, como a LGBTQfobia institucionalizada com pena de morte em 13 países, ressaltada durante a Copa do Mundo no Catar em 2022.

LGBTT+ conquistaram direitos básicos, mas ainda são relegados a espaços de exclusão, falta de acesso, precarização, violência e exploração extrema. Hoje, muitos ainda não vivem, apenas sobrevivem. Precisamos comemorar os ganhos e continuar na luta e disputa de classe. QUEREMOS POR INTEIRO, NÃO PELA METADE!



Editorial

Escolha o nome do novo jornal

Convidamos todes a participar com sugestões de nome para um jornal das Secretarias de Assuntos LGBTTT+, de Negras e Negros e de Mulheres do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias

Chegamos à segunda edição do Plataforma Especial Gênero, Raça e Sexualidade organizado pelo Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de São Paulo através das Secretarias de Assuntos LGBTTT+, de Negras e Negros e de Mulheres. A primeira edição foi amplamente distribuída a partir das atividades do 8 de Março, no mês da mulher trabalhadora, e foi muito bem recebida, levando formação, informação e debate em todas as áreas.

Essa segunda edição, lançada em junho, mês do orgulho LGBTQIA+, tem foco na luta de companheires que se encaixam

nesses espectros de gênero e sexo, representades pela sigla, metroviáries que nos acompanham dia a dia: familiares, amigos e passageires.

E o que a categoria tem a ver com isso? Primeiramente temos que defender a unidade entre os trabalhadores e trabalhadoras, nossa luta enquanto classe é uma luta unitária e social, por isso temos que combater todas as opressões que atingem e dividem a classe trabalhadora. O Brasil é um dos locais mais violentos para a população LGBTQIA+, sendo que, em São Paulo, o transporte público é sempre apontado como o local mais opressor.

Nesta publicação também estamos nos preparando para que a categoria vote o nome deste “jornal especial”, por isso convidamos todes a participar com sugestões de nome e na votação dessa escolha. *Este jornal pretende ser mais um meio de enfrentamento e acolhimento, desejamos uma boa leitura!*



Para sugerir um nome para o novo jornal use o QR Code acima

História do Mês do Orgulho e da Luta LGBTQIA+ Só a LUTA muda a vida!

O dia 28 de junho é reservado, em grande parte do mundo, para o Dia do Orgulho LGBTTT+, como uma forma dessa população e seus aliados lutarem por direitos e igualdade. A data teve origem em um movimento iniciado nos anos de 1960, em Nova Iorque, nos EUA. Quando relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas ilegais, bares e clubes serviam como esconderijos para os encontros proibidos, já que nestes espaços era possível se expressar e socializar livremente.

Em 28 de junho de 1969, a polícia realizou uma violenta e arbitrária inspeção no Stonewall Inn, um bar frequentado pela comunidade LGBTQIA+ e essa abordagem agressiva da polícia gerou revolta entre os presentes, resultando em uma rebelião que durou várias horas.

Esse episódio, que ficou conhecido como a Rebelião de Stonewall, marcou o início de uma série de manifestações que ocorreram por cinco dias e mobilizaram milhares de pessoas. Esse acontecimento é considerado um marco na luta pelos direitos da comunidade LGBT e inspirou movimentos de resistência pelo mundo. Ele impulsionou o surgimento de organizações LGBTQIA+ e a criação do Dia do Orgulho LGBT+.

No Brasil, o movimento LGBTQIA+ teve origem na década de 1970 com o surgimento de grupos de ativistas que lutavam pela igualdade de direitos para a comunidade. Nas greves no ABC existiam movimentações

de unidade de luta contra a discriminação dos trabalhadores homossexuais. Em 1980 ocorreu o primeiro grande evento da comunidade: a primeira Parada do Orgulho Gay, que aconteceu em São Paulo, e se tornou um marco na luta por direitos civis e visibilidade. Em 83, ocorreu no Brasil o Levante do Ferro's Bar – conhecido como Stonewall Brasileiro - quando policiais tentaram deter folhetins lésbicos.

Quando o existir é questionado, momentos para orgulho e visibilidade são importantíssimos. Mas visibilidade e orgulho sem proteção do Estado ou do coletivo é colocar um alvo nas costas. A Parada foi incorporada no calendário das marcas mais famosas e há uma tentativa insistente de despolitização. A existência LGBTTT+ é política, a nossa felicidade na Parada também, mas não gera mudanças estruturais sozinhas, é preciso recapturar o sentido de luta, comemoração e rebelião de Stonewall.

Fotos: Nelson Marias



1ª Parada do Orgulho LGBTI+ em SP, em 1997



Na oitava edição, em 2004, evento passou a ser o maior do mundo

Foto: Revista Viag



A Parada é sucesso no país todo e no mundo

LUTA!

Nossas REIVINDICAÇÕES

Desde 2015, com a instauração da nossa Secretaria de Assuntos LGBTTs, diversidade sexual e identidade de gênero, foram feitas – constantemente – reivindicações de luta e aqui as reafirmamos:



Imagens: Freepik



- 1.** Treinamento e preparo dos trabalhadores para uma postura de inclusão e acolhimento à diversidade, com ajuda e intervenção do Sindicato e participação ativa de LGBTT+;
- 2.** Que a Comissão de Inclusão (Metrô e Sindicato) volte a se reunir a cada 3 meses (como a empresa deveria estar promovendo há mais de um ano), tenha maior atuação junto aos trabalhadores LGBT+ e na política de inclusão e treinamento;
- 3.** Que o Sindicato aprofunde as discussões - em debates, palestras, seminários, reuniões e oficinas - sobre a questão LGBTQIAP+;
- 4.** Que haja sempre interlocução com movimentos sociais que lutam pela comunidade, para desenvolver ações no combate à LGBTfobia;
- 5.** Que a discussão de gênero e machismo, como propulsora das diversas opressões às mulheres, pessoas racializadas e pessoas LGBTT+, seja temática constante no debate da estrutura das violações aos direitos humanos como projeto consciente e estruturante;
- 6.** Que os planos de saúde do Metrô abranjam cada vez mais tratamentos hormonais e estéticos, para que pessoas Trans da nossa categoria tenham seu gênero afirmado, bem como modificar a divisão de acesso a tratamentos e acompanhamentos diferenciados por gênero (como ginecológico para mulheres e urológico para homens), sendo feita para todos trabalhadores, independente do gênero.
- 7.** Acompanhamento constante do Metrô para mapear profissionais adequados e acolhedores;
- 8.** Maior financiamento da empresa para acompanhamento psicológico e psiquiátrico constante a companheiras marginalizadas;
- 9.** Aumento da política de vagas afirmativas nos concursos públicos internos e externos da categoria;
- 10.** Enfatizar, sempre que possível, o espaço de maior vulnerabilidade de pessoas Trans, bem como políticas específicas para tais;
- 11.** Combate contínuo do corte de gastos em áreas importantes para enriquecimento de grandes empresários, como o recém-aprovado "Arcabouço Fiscal" do governo Lula;
- 12.** Fortalecer a CIPA. Com a mudança das Normas Reguladoras, as CIPAs começaram oficialmente a combater o assédio moral e sexual. Isso é uma ferramenta que beneficia os grupos oprimidos que estatisticamente são quem mais sofrem assédio e traz aliados no ambiente de trabalho. Infelizmente a empresa não tem aceitado e reconhecido esse papel, tentando podar o alcance do trabalho dos cipistas e as denúncias.

DEPOIMENTO

Entre
aspas

Veja os relatos de pessoas LGBTQs que trabalham no Metrô e de uma ex-funcionária sobre a política da empresa com relação à comunidade e o relacionamento com colegas de trabalho



Imagens: Freepik

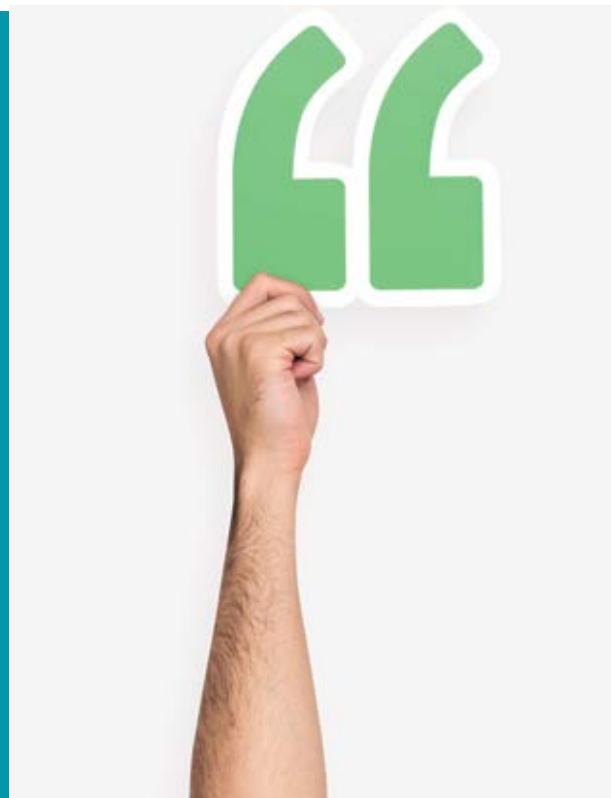
“Eu aprendi que o orgulho é uma poderosa arma contra a preconceito e no Metrô a gente vai aprendendo a colocar ele na mesa! Não é fácil, todo dia é uma batalha: as poucas políticas da empresa ficam muito aquém do necessário, muitas vezes parece que as campanhas são só pra cumprir tabela e as piadinhas cotidianas dos colegas cansam também, muitas vezes fazem sem perceber, claro, mas o que gente faz sem querer também revela preconceitos. A parte boa é que muitas vezes as conversas ajudam a nos entendermos e nós, metroviários LGBTQs, devemos cada vez mais impor nossos limites. Trabalhar no Metrô já é por si só um perrengue graças as arbitrariedades cotidianas que enfrentamos espero que cada dia mais ser LGBTQ não seja mais um desafio!”

Letícia Freitas – OTM2 TRA/JAT

“Quando eu entrei no Metrô, meu cabelo era azul. ‘Tem gente que não vai gostar’, ‘pode ser que te tratem diferente’, ‘alguns podem até reclamar’ foram algumas coisas que eu ouvi dos chefes durante o treinamento. Eu me perguntava então se eles se referiam ao meu cabelo ou à minha orientação. Hoje eu percebo que eu deveria ter me perguntado se eles estavam falando dos usuários ou deles mesmos.”

Torcai – OTM1

“No decorrer destes 15 anos em que estou na empresa, percebo claramente uma grande melhoria nas relações interpessoais e em grupo uma vez que era um ambiente extremamente inóspito para nossa comunidade. Já cheguei até mesmo a não querer fazer refeições para me preservar e não ouvir brincadeiras e



cochichos que machucavam. Hoje em dia, o que ainda precisa de atenção são as expressões e falas de cunho LGBTQfóbico, sexista, machista e racista que persistem em ser usados ainda que sem intenção, pois estão incrustados na sociedade. É um trabalho de ‘formiguinha’, mas com paciência e conversa nós chegaremos lá!

Walter Luís – OTM II TRA/ITT

“O Metrô quer passar imagem de inclusivo, mas não é assim que funciona na prática para pessoas LGBTQs. A nossa identidade só tem valor quando eles oficializam, e para isso querem divulgar o seu gênero e o banheiro que você vai usar, te expondo a algo que você não precisa pois é seu direito, isso quando não querem impor qual banheiro você deve usar. Trabalhar no Metrô é uma luta, sendo LGBTQ a luta é dobrada”

Annie – Ex-trabalhadora da empresa (OTM1 – 2023)

Trabalhar sendo LGBTQ no Metrô é com certeza um desafio, por trabalhar com público, estamos sempre expostos a qualquer tipo de preconceito que possa vir de milhões de passageiros que utilizam o sistema. Mesmo tendo isso, há também o fato de estar em um espaço que normalmente não é ocupado por pessoas como eu, e por isso posso ser uma referência e uma quebra de paradigma, trazendo para o dia a dia das pessoas minha presença, mostrando que pessoas LGBTQs existem e estão em todos os lugares, inclusive fazendo o metrô de SP funcionar!

Matheus Alexandre – OPS L15

“Eu devo dizer que me considero até privilegiado por nunca ter sofrido nenhum preconceito direto, nenhum ataque. Mas não posso ignorar aquilo que é ‘sem querer ofender’. Além de, sim, ofender, eu sinto que a falta de consciência do outro me coloca como refém da situação. Já que foi sem querer se eu falar algo a respeito, eu vou causar um constrangimento e um mal-estar para a pessoa que me ofendeu, Eu vou deixar o ambiente ‘pesado’ e, conseqüentemente, eu vou me tornar uma pessoa que não é benquista.”

Paulo André – ADM1 (GCM)

Expediente



Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários e em Empresas Operadoras de Veículos Leves

sobre Trilhos no Estado de SP.

Sede: R. Padre Adelino 700 – Belém, CEP 03303-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 2095-3600. E-mail: sindicato@metroviarios-sp.org.br

Presidente: Camila Lisboa

Diversidade Sexual e Identidade de Gênero: Luan Marchesi Leal Amorim (Luna).

Diretor Responsável: Alex Fernandes

Redação e Revisão: Rogério Malaquias, MTb. 21.307-SP

Arte: Maria Figaro, MTb 25.888-SP

E-mail: imprensa@metroviarios-sp.org.br

Tiragem: 2 mil exemplares.